



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 26/07/2024 e 01/08/2024

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
26/07/2024	10,77	353,30	43,66	5,23	3,94
29/07/2024	10,54	355,50	42,84	5,31	3,96
30/07/2024	10,27	352,00	42,75	5,24	3,88
31/07/2024	10,28	354,10	43,30	5,27	3,82
01/08/2024	10,22	355,90	42,87	5,32	3,82
Média	10,42	354,16	43,08	5,27	3,88

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	120,00	
RS – Não Me Toque	120,00	
RS – Londrina	121,00	
PR – M.C.Rondon	121,00	
MT – C.N.Parecis	118,00	
MS – Maracaju	125,00	
GO - Rio Verde	115,00	
BA – L.E.Magalhães	116,70	
MILHO(**)		
Porto de Santos	62,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	54,00	
SC – Rio do Sul	58,00	
PR – M.C.Rondon	50,00	
PR – Londrina	50,00	
MT – C.N.Parecis	38,00	
MS – Maracaju	50,00	
SP – Itapetininga	55,00	
SP – Campinas	59,00	CIF
GO – Rio Verde	45,00	
GO – Jataí	45,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	67,00	
RS – Não Me Toque	68,00	
PR – Londrina	76,00	
PR – M.C.Rondon	76,00	

Período: 31/07/2024

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 01/08/2024**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	57,64	124,27	68,94

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
01/08/2024**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	112,77
Feijão (saco 60 Kg)	284,29
Sorgo (saco 60 Kg)	ND***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,25
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,65**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,00

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Maio/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, para o primeiro mês cotado em Chicago, voltou a recuar nesta semana. O bushel fechou a quinta-feira (01/08) em US\$ 10,22, contra US\$ 11,16 uma semana antes. Nota-se que o recuo, em uma semana, foi de quase um dólar. Na média de julho, o bushel registrou US\$ 11,16, ficando 4,8% abaixo da média de junho. Lembrando que a média de julho do ano passado havia sido de US\$ 15,08/bushel. Ou seja, nos últimos 12 meses o bushel da soja perdeu quase quatro dólares em Chicago.

Na prática, os preços da soja em Chicago estão refletindo o bom comportamento climático nos EUA, com a tendência de uma safra cheia naquele país, lembrando que agosto é o mês crítico para esta definição. Outro ponto que ajudou nas baixas foi o forte recuo nas cotações dos derivados farelo e óleo de soja na Bolsa. O farelo perdeu 8,5% de seu valor nos últimos 18 dias úteis de julho e o óleo 12,7%. Ao mesmo tempo, a demanda pela soja estadunidense continua lenta. Neste último caso, já há expectativa de que os EUA exportem menos do que as 49,7 milhões de toneladas de soja atualmente previstas. Por outro lado, surgiu a notícia de que, na Argentina, o imposto de exportação (retenciones) para a soja possa ser parcialmente retirado pelo governo, o que aumentaria a oferta exportadora de soja pelo vizinho país. Enfim, o governo estadunidense acenou com a possibilidade de mexer com a lei dos biocombustíveis, o que pode reduzir o percentual de óleo de soja na fabricação deste produto.

Dito isso, nos EUA, até o dia 28/07, as condições das lavouras locais de soja caíram para 67% entre boas a excelentes, porém, ainda bem acima dos 52% registrados na mesma época do ano passado. Outras 24% estavam regulares e 8% entre ruins a muito ruins. Além disso, 77% das lavouras estavam em fase de floração, contra 74% na média histórica.

E aqui no Brasil, mesmo com o câmbio se mantendo ao redor de R\$ 5,65 por dólar, e os prêmios positivos, os preços cederam um pouco. No Rio Grande do Sul, embora a média semanal tenha se mantido elevada, em R\$ 124,27/saco, as principais praças locais trabalharam com R\$ 120,00/saco no final da semana. Já nas demais regiões brasileiras os preços da oleaginosa oscilaram entre R\$ 115,00 e R\$ 125,00/saco.

Em tal contexto, as primeiras projeções privadas para o futuro plantio da soja, safra 2024/25, dão conta de um novo aumento na área a ser semeada. O mesmo seria de 1,5%, passando a área total nacional para 46,9 milhões de hectares. Se confirmado, será o 18º aumento consecutivo de área de soja no país. Em o clima ajudando, a produtividade média poderá chegar a 59,2 sacos/ha no país, fato que levaria a produção final para 166,6 milhões de toneladas, ou seja, 12% acima da parcialmente frustrada última safra. (cf. Datagro)

Enfim, depois de crescer 21% em 2023, o PIB da cadeia da soja e do biodiesel tende a diminuir 5,3% em 2024, justamente em função da quebra parcial da última safra de soja. “O PIB total da cadeia deverá ser de R\$ 422 bilhões em 2024 (reco da renda real de 33,2%) , representando 18% do PIB do agronegócio nacional e 3,9% da economia brasileira como um todo. Já a população ocupada, na cadeia produtiva em questão, iniciou o ano de 2024 com recuo de 4,65%, diante do primeiro trimestre de 2023, atingindo a 2,28 milhões de pessoas. Por outro lado, no “primeiro trimestre de 2024 as

exportações da cadeia de soja e do biodiesel (soja in natura, farelo de soja, óleo de soja, glicerol, biodiesel e proteína de soja) totalizaram 27,59 milhões de toneladas, 12,97% acima do mesmo trimestre de 2023. Em contrapartida, o valor exportado recuou 11,3%, totalizando US\$ 12,42 bilhões, devido à queda dos preços de exportação (-21,5% no período). Esse cenário é similar ao observado entre 2022 e 2023.” (Cf. Cepea/Abiove)

MERCADO DO MILHO

O bushel do milho, para o primeiro mês cotado em Chicago, voltou a recuar nesta semana, fechando a quinta-feira (01) em US\$ 3,82, a mais baixa cotação desde o início de outubro de 2020. Uma semana antes o bushel havia fechado em US\$ 4,06. A média de julho ficou em US\$ 3,98/bushel, a mais baixa média mensal desde outubro/20, quando o bushel atingiu os mesmos US\$ 3,98. A média de julho/24 ficou 9,3% abaixo da média de junho, lembrando que em julho de 2023 a média do bushel de milho havia sido de US\$ 5,48.

Dito isso, 68% das lavouras de milho nos EUA, no dia 28/07, se apresentavam em boas a excelentes condições, contra 55% na safra anterior nesta época. Outras 23% estavam regulares e 9% entre ruins a muito ruins. Cerca de 30% das lavouras estavam na fase de enchimento de grãos, contra 22% na média histórica para aquela data.

E no Brasil, os preços continuaram estáveis, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 57,64/saco, enquanto as principais praças locais se mantiveram em R\$ 54,00. Já nas demais regiões do país o preço oscilou entre R\$ 38,00 e R\$ 58,00/saco.

Neste contexto, a colheita da safrinha deste ano atingia a 91% da área, no dia 25/07, no Centro-Sul brasileiro, contra 55% no mesmo período do ano passado, estando largamente adiantada. Este percentual colhido é o mais alto da série histórica, iniciada em 2013 pela consultoria privada AgRural.

No Paraná, conforme o Deral, 85% das lavouras da safrinha estavam colhidas nesta virada de semana. A notar que, na maior parte das áreas, a colheita apresenta baixas produtividades, salvo no Sudoeste e Oeste do Estado.

E no Mato Grosso do Sul, conforme a Aprosoja/MS, a colheita da safrinha atingiu a 65,9% da área na virada da semana, estando muito acima do registrado no ano anterior. Problemas climáticos fazem com que as estimativas da Famasul, para a produção final, recuem 19,1%, com a mesma chegando agora a 9,3 milhões de toneladas, ou seja, 34,7% a menos do que na safra passada. A produtividade média, por sua vez, está prevista em 69,8 sacos/hectare, indicando uma retração de 30,7%. Estes números ainda podem mudar já que o término da amostragem das áreas se dará apenas em 13/09.

Por sua vez, a Secex informou que nos primeiros 20 dias úteis de julho as exportações brasileiras de milho atingiram a 2,76 milhões de toneladas, com os embarques diários registrando um recuo de 31,5% sobre o registrado durante o mês de julho de 2023. Lembrando que, em julho do ano passado, o Brasil exportou 4,2 milhões de toneladas

de milho. A tendência é de que as exportações brasileiras de milho melhorem a partir de agora.

Enfim, a consultoria Datagro estima um recuo na futura área semeada com milho no Brasil. A safra de verão deverá ficar com 3,89 milhões de hectares, contra 4,05 milhões em 2023/24, sendo a mesma dividida em 2,54 milhões de hectares no Centro-Sul e 1,35 milhões no Norte/Nordeste. Considerando a possibilidade de La Niña e uso normal da tecnologia, espera-se uma produção de 23,3 milhões de toneladas, ou seja, 1% a menos do que o colhido neste último ano, dividida em 17,3 milhões de toneladas no Centro-Sul e 6,08 milhões no Norte/Nordeste. Já para a safrinha de 2025, “a tendência inicial também indica retração na área, com 16,8 milhões de hectares semeados no Brasil, ou seja, 2% a menos do que no último plantio, sendo 14 milhões de hectares no Centro-Sul e 2,85 milhões no Norte/Nordeste. Considerando clima regular, a previsão de produção da segunda safra é de 93,6 milhões de toneladas, ficando praticamente igual ao colhido na safrinha deste ano. No total das duas safras, o Brasil tem previsão de área para 2024/25 de 20,7 milhões de hectares, 2% abaixo dos 21,3 milhões do ano anterior, enquanto a produção potencial total chegaria a 116,9 milhões de toneladas, ficando estável em relação ao que se colheu nesta última safra geral, conforme ainda a Datagro.

MERCADO DO TRIGO

O primeiro mês cotado, em Chicago, igualmente recuou neste final de julho para o trigo. O bushel do cereal chegou a bater em US\$ 5,23 durante a semana, fechando em US\$ 5,32 na quinta-feira (01), contra US\$ 5,37 uma semana antes. A média de julho ficou em US\$ 5,43/bushel, registrando 9,3% de queda em relação à média de junho. Para comparação, a média do bushel de trigo, em julho de 2023, havia sido de US\$ 6,77.

Neste cenário, tem-se que a colheita do trigo de inverno, nos EUA, no dia 28/07, atingia a 82% da área semeada, contra 80% na média histórica. Já o trigo de primavera apresentava as seguintes condições das lavouras, na mesma data: 74% entre boas a excelentes; 22% regulares e 4% ruins. A salientar ainda que 1% destas lavouras estavam colhidas, contra 3% na média histórica para aquela data.

E na vizinha Argentina, temperaturas extremas abaixo de zero atingiram o coração agrícola do país, agravando a qualidade das lavouras de trigo local, em um momento em que já há problemas no plantio devido a seca. Lembrando que a futura área do cereal já foi reduzida em 2,9% devido a estes problemas. Além deste frio, que chegou a congelar animais na Patagônia argentina dias atrás, a região de produção daquele país está registrando o julho mais seco em quase seis décadas. Em não ocorrendo chuvas nos próximos 15 dias, o trigo sofrerá danos ainda maiores devido ao estresse hídrico e às baixas temperaturas, segundo a Bolsa de Cereais de Rosário.

Já na França, a safra local de trigo poderá ficar em apenas 26 milhões de toneladas neste ano, nível que não é visto tão baixo desde a década de 1980. A colheita vem registrando queda na produtividade devido às fortes chuvas ocorridas semanas atrás. Não se descarta uma safra abaixo da mínima ocorrida há 29 anos. Seria uma perda

superior a 10 milhões de toneladas em relação ao que normalmente vinha sendo colhido pelo país europeu.

Por outro lado, na Austrália ocorre o contrário. As chuvas por lá ocorridas melhoraram as perspectivas para a produção de trigo do país em 2024/25. O quarto exportador de trigo do mundo deverá colher algo em torno de 30 milhões de toneladas nestas condições. (cf. StoneX)

E no Brasil, os preços permaneceram estáveis para o produto de qualidade superior, com o Rio Grande do Sul fixando o saco de 60 quilos, nas principais praças, entre R\$ 67,00 e R\$ 68,00, enquanto no Paraná o produto permaneceu em R\$ 76,00.

O plantio do cereal no Brasil está praticamente concluído. No Sul do país a área total deverá atingir a 2,5 milhões de hectares, com a produtividade média esperada ficando em 3.100 quilos/hectare (51,7 sacos/hectare). Isso resultará, em clima normal até o final, em uma produção de 8,1 milhões de toneladas. Somando o restante do país, teremos algo em torno de 8,9 milhões no total final. Lembrando que, no Rio Grande do Sul, a arrancada do plantio se deu sob clima ruim, havendo poucos dias de sol sobre as lavouras recém germinando. Para o trigo, o evento La Niña é positivo, desde que não seja muito seco.

No Paraná, as lavouras de trigo, na virada da semana, estavam com 1% em fase de germinação, 46% em desenvolvimento vegetativo, 27% em floração, 24% em frutificação e 2% em maturação. Em relação às condições, 12% das lavouras constavam como ruins, 22% médias e 66% boas. (cf. Deral) Já em Santa Catarina, as condições de desenvolvimento das lavouras de trigo seguiam dentro na normalidade no final de julho, segundo a Epagri local. Mesmo com 10,4% a menos de área semeada, Santa Catarina espera colher 430.000 toneladas, ou seja, 39,8% acima da frustrada safra passada. E no Rio Grande do Sul, no final de julho as lavouras do cereal estavam tão somente em germinação/desenvolvimento vegetativo, segundo a Emater local.

Especificamente no Paraná, os preços do trigo superior se mostram mais interessantes, com o FOB se aproximando de R\$ 1.700,00/tonelada (R\$ 102,00/saco). “Diante da incerteza da produção em regiões como norte e oeste do estado paranaense, que tiveram problemas com o tempo seco, os moinhos estão vendo que a entressafra pode ser alongada, o que é mais um fator de firmeza para as cotações. Por outro lado, os portos do Brasil vêm registrando alguns atrasos em suas operações com o trigo, o que amplia os custos logísticos em pelo menos US\$ 10,00 por tonelada, como é o caso de registros que chegam, por exemplo, do porto de Paranaguá. No Rio Grande do Sul, onde já houve um excedente expressivo quando o estado produziu 6 milhões de toneladas e exportou bem, para esta temporada, o horizonte é outro, uma vez que a produção não terá a mesma dimensão. Ainda assim, a oferta deve ser maior do que o consumo gaúcho. Em regra, o mercado é balizado pela paridade de importação. Os preços internos do Brasil se formam com referência dos preços que vêm de fora, sobretudo em relação ao valor que chega o trigo argentino nos moinhos brasileiros.” (cf. Safras & Mercado) E, nesta questão, quanto mais o real se desvaloriza maior é a possibilidade de aumentar o preço interno, pois o produto importado fica mais caro em moeda nacional.